

Primeira grande exposição sobre memes estreia no CCBB São Paulo e inaugura itinerância nacional

Mostra investiga os memes como forma de linguagem, crítica, afeto coletivo e produção estética. De virais históricos como o “Sanduíche-iche-iche” à profusão das carretas e trenzinhos da alegria, a exposição mergulha na cultura digital brasileira e na potência política do humor, passando por São Paulo, Brasília, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.



Reprodução do @greengodictionary

São Paulo, agosto de 2025 – O Brasil é um dos maiores produtores e consumidores de memes do mundo — e agora também é o primeiro país a conceber uma exposição de grandes proporções dedicada a esse fenômeno. Com estreia marcada para 27 de agosto de 2025 no Centro Cultural Banco do Brasil São Paulo (CCBB SP), **“MEME: no Br@sil da memeficação”** explora arte contemporânea, cultura digital e crítica social em uma experiência curatorial inédita. A mostra fica em São Paulo até 3 de novembro e depois segue em itinerância por Brasília, Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

A curadoria de **Clarissa Diniz** e **Ismael Monticelli**, com a colaboração do perfil de Instagram @newmemeseum, convida o público a explorar a memeficação como um dos modos mais potentes — e irônicos — de narrar o Brasil contemporâneo.

“Memes não são só piadas. Eles são ferramentas políticas, culturais e afetivas. São como o Brasil elabora, disputa e negocia suas diferenças — sociais, raciais, de gênero, estéticas — em tempo real”, afirma Clarissa. “A exposição parte do humor e provoca reflexões sobre como estamos diariamente refazendo o país por meio de suas imagens mais debochadas e, claro, críticas”.

“Pensar o Brasil de hoje sem considerar a sua intensa produção de memes é adotar uma perspectiva que ignora uma camada significativa da experiência do país” diz Ismael Monticelli. “Eles não apenas refletem a realidade, mas atuam sobre ela: produzem memória, disputam narrativas, elaboram ficções, geram pertencimento. Enquanto fazemos memes, os memes refazem o Brasil.”

A proposta curatorial rompe barreiras entre diferentes linguagens e repertórios culturais, reunindo nomes consagrados da arte contemporânea brasileira, como **Anna Maria Maiolino, Gretta Sarfaty, Nelson Leirner e Claudio Tozzi**, ao lado de criadores de conteúdo como **Porta dos Fundos, Alessandra Araújo, Melted Vídeos, John Drops e Greengo Dictionary**.

O meme antes do meme

Organizada em **seis núcleos temáticos** — *Ao pé da letra, A hora dos amadores, Da versão à inversão, O eu proliferado, Combater ficção com ficção, Memes: o que são? Onde vivem? Do que se alimentam?* — a rica cenografia imersiva ocupa todos os andares do CCBB São Paulo com vídeos, neons, esculturas, figurinos, quadrinhos, pinturas, objetos, backlights, instalações sonoras e experiências interativas.

“A exposição parte da compreensão dos memes como uma linguagem viva, que afeta diretamente nossas formas de pensar, sentir e agir — transbordando os limites da internet”,



PRODUÇÃO



REALIZAÇÃO



afirma Ismael Monticelli. “Não temos a ambição de ser um inventário do humor nacional”, destaca.



Reprodução do perfil @galinhas.inseguras

“Queremos provocar reflexões”, explica Clarissa. “Será que a vocação memética do Brasil começou mesmo com os memes digitais? Ou será que ela já se anunciava no Carnaval, nos bordões da TV, nas pichações e nos outdoors? O que acontece quando política, publicidade e arte se doblam aos formatos da zoeira?”, questiona.

Além da ocupação física no CCBB, o projeto se estende ao ambiente digital com ativações especialmente desenvolvidas para as redes sociais. Em parceria com o perfil de memes @newmemeseum, curadorias de conteúdos exclusivos serão

compartilhadas online, ampliando o alcance da exposição e promovendo o acesso ao debate com públicos diversos — muito além das paredes do museu.

Ao receber este projeto, o Centro Cultural Banco do Brasil reafirma seu papel como um espaço vivo de diálogo com as linguagens contemporâneas, valorizando a potência crítica, afetiva e estética que surge tanto das redes quanto das ruas. A mostra também reforça o compromisso do CCBB com a valorização da cultura brasileira em toda a sua diversidade — incluindo as expressões que nascem, se desenvolvem e se reinventam no ambiente digital. “É uma mostra que olha para o presente com inteligência e humor, revelando como o Brasil se narra e se reinventa a partir da criatividade coletiva”, destaca Cláudio Mattos, Gerente Geral do CCBB São Paulo.

Percurso da mostra

0. Alisa meu pelo

No átrio do CCBB São Paulo, onças de diferentes formatos e materiais recebem o público numa cena que remonta ao meme “alisa meu pelo”, cujo ápice ocorreu em 2023, tornando-se especialmente popular entre os adolescentes. Desenvolvido como recurso multissensorial e integrado às políticas de acessibilidade do CCBB, as onças da instalação reúnem recursos

táteis, visuais e sonoros, convidando os públicos a se relacionarem desde a diversidade de seus corpos.

1. Ao pé da letra

No primeiro núcleo da exposição, o foco recai sobre os jogos semânticos e os descompassos entre texto e imagem que tornam os memes tão eficazes em gerar riso, crítica e estranhamento. Em vez de explicarem um ao outro, palavras e figuras se combinam para formar sentidos inesperados — ou se colam literalmente, desnaturalizando expressões e convenções sociais.

O núcleo revela ainda como invenções linguísticas produzem deslocamentos de sentido e potência crítica, abordando práticas como o uso de emojis, narrações e dublagens cômicas, além de línguas como o tiopês, o pajubá e estruturas como o *snowclone*.

No Brasil, um dos exemplos mais populares de *snowclone* é o meme “Você pode substituir X por Y”, inspirado na apresentadora Bela Gil. A frase, usada originalmente para sugerir alternativas alimentares, foi rapidamente adaptada pela internet em versões humorísticas como “você pode substituir o WhatsApp por um pombo correio, por exemplo”.

A investigação também explora como parte da produção visual no mundo digital é frequentemente rotulada como “feia”, “mal feita” ou “amadora”. Esses julgamentos estéticos, além de refletirem preconceitos antigos, ignoram um aspecto central: a “feiúra” é muitas vezes uma escolha deliberada. Trata-se de uma estética que rompe com os padrões tradicionais de beleza, valorizando o imprevisto, o erro e a imperfeição como recursos expressivos.

Alguns criadores presentes no núcleo são: Amanda Magalhães (@amandzmagalhaes), Daniel Santiago, Frimes (@frimes), Greengo Dictionary (@greengodictionary), Guto TV (@gutotvreal), Leandra Espírito Santo, Melted Vídeos (@meltedvideos), Nelson Leirner, Pamella Anderson, Panos Subversivos (@panosubversivos), Rafael Portugal (@rafaelportugal), Raquel Real (@raquelrealoficial), Roxinha e Ruth Lemos.

2. A hora dos amadores

Inspirado pela célebre capa da revista *Time* de 2006 — que elegeu “você” como a personalidade do ano —, o núcleo aborda a virada provocada pela internet e pelas redes sociais, que deram visibilidade inédita às “pessoas comuns”. Os memes, nesse contexto, aparecem como uma tecnologia social de protagonismo, permitindo que vozes antes apagadas ou silenciadas ocupem o centro da cena.

Em países como o Brasil, marcados por fortes desigualdades, os memes se tornaram um território fértil para narrativas insurgentes: do humor que revela a precariedade cotidiana à crítica social feita com poucos recursos e muita sagacidade. Este núcleo sublinha essa potência do amadorismo como desvio criativo e força política.

Entre os destaques está a retomada do *Concurso Mundial do Mickey Feio*, realizado em 2001 por Daniela Brilhante e Lourival Cuquinha, que formam a dupla Valdisnei, um trocadilho com o nome Walt Disney. A proposta convida o público a criar versões “feias” do personagem da Disney, em uma crítica bem-humorada ao imperialismo cultural. Essa nova edição da iniciativa será realizada em parceria com o Educativo do CCBB SP, num incentivo à participação do público.

Os educadores do CCBB oferecerão oficinas de criação de Mickeys Feios, abertas a todos que se interessarem em participar. As atividades ocorrem a cada 30 minutos, de quarta a segunda-feira, das 12h às 19h. As criações do público passarão a integrar a exposição.

Alguns criadores presentes no núcleo são: Alessandra Araújo (@alessandraraujooficial), Vadisnei (Lourival Cuquinha e Daniela Brilhante), Malfeitona (@malfeitona), O Brasil que deu certo (@obrasilquedeucerto), Felipe Neto (@felipeneto) e Raphael Vicente (@raphaelvicente).

3. Da versão à inversão

A imitação é uma das bases da linguagem memética, e por isso aqui ela é investigada não como gesto de repetição, mas como uma atividade crítica e criativa. Esse núcleo mostra como memes transformam cópias em versões que subvertem e desmontam o original, produzindo humor, paródia e comentário social.

A exposição apresenta desde pequenas alterações — como trocar uma palavra ou fazer um recorte específico de imagem — até inversões radicais: mulheres imitando homens, estéticas que embaralham as fronteiras entre identidade e representação. “Como no Carnaval, o riso vem da inversão — e nela, uma crítica se insinua”, resumem os curadores.

Com humor ácido, neste núcleo o público acompanha, por exemplo, uma versão paródica dos tradicionais “Museus do Homem”, instituições etnográficas que historicamente atribuíam, ao homem branco europeu, um modelo civilizatório supostamente válido para toda a humanidade. Desse modo, a exposição verte esses museus etnográficos num debochado “Museu do Homem da Internet”, no qual figuram vitrines que apresentam quatro estereótipos masculinos: o *heterotop*, conservador que exalta os valores da masculinidade; o *esquerdo macho*, progressista apenas no discurso; o *Faria Limer*, defensor

do mérito neoliberal; e o *red pill*, adepto de visões antifeministas. Ao reunir essas figuras, os memes ironizam discursos de falsa opressão e expõem os privilégios masculinos que seguem operando sob novas roupagens.

Alguns criadores presentes no núcleo são: A vida de Tina (@avidadetina), Denilson Baniwa, Alexandre Mury, John Drops (@johndrops), Hand-painted Brazil (@handpaintedbrazil), Festa da Firma (@festadafirma), Juvi Chagas (@ajuvichagas), Lara Santana (@larasantana), Malhassaum (@malhassaum), Porta dos Fundos (@portadosfundos), Renata Felinto, Rafaela Azevedo (com a personagem Fran, @fran.wt1) e Victor Arruda.



*Pamella Anderson "Blogueirinha", 2019.
Foto: Marcos Paim*

4. O eu proliferado

A explosão do “eu” nas redes sociais e a forma como a vida privada se tornou espetáculo são destaques neste núcleo. A internet deixou de ser apenas um espaço de compartilhamento para se tornar um palco de auto performance. A construção de si — por meio de selfies, dancinhas, relatos, confissões e personagens — tornou-se prática cotidiana, revelando tanto o desejo de existir publicamente quanto os efeitos dessa superexposição.

O núcleo aborda a dramaturgia do “eu” como potência e armadilha. Se, por um lado, possibilita a afirmação de identidades historicamente apagadas, por outro, evidencia o impacto subjetivo da lógica neoliberal, que transforma a autoestima em mercadoria e precariza o bem-estar e a saúde mental.

A mostra inclui um estúdio de podcast que convida o público a acompanhar uma conversa ficcional entre personagens que parodiam o universo da autoajuda e do coaching nas redes sociais. Com telas acopladas a cadeiras, a instalação recria a atmosfera de um bate-papo midiático, no qual o visitante experimenta, com doses de humor e crítica, a sensação de estar diante de um diálogo entre a motivação e o fracasso em tempos de disforia social.

Alguns criadores presentes no núcleo são: Coach de Fracassos (@coachdefracassos), Frases Pra Você (@frasespravoce), Galinhas Inseguras (@galinhasinseguras), Gretta Sarfaty, Jacira Doce (@jaciradoce), Fábio Cruz (com o personagem Fabão, @eusoufabao), Lenora de Barros, Nathalia Cruz (@nathaliapontocruz), Panmela Castro, Pedro Vinicio (@pedrovinicio80), Regina Vater, Telma Saraiva, Monica Piloni, Valentina Bandeira (@valentinabandeira), Valeska Soares.

5. Combater ficção com ficção

A polarização política e a radicalização do discurso público são temas centrais do núcleo, que examina o papel dos memes na disputa simbólica do presente. Ao mesmo tempo em que são ferramentas de leitura e resistência política, os memes podem também ser veículos de desinformação, exclusão e violência. A curadoria propõe aqui uma reflexão sobre os usos éticos do riso, compreendendo o humor como forma sofisticada de diplomacia, mas também como instrumento perigoso nas mãos do autoritarismo. Entre a memecracia e a crítica, este núcleo convida a pensar: como rir sem reforçar os estigmas que queremos combater?

As figuras dos políticos que, desde os anos 1980, vêm sendo parodiadas por programas como *TV Pirata* e, mais recentemente, em esquetes do *Porta dos Fundos*, não poderiam ficar de fora. A sátira política se articula com uma crítica à militância digital e o ativismo de sofá que escancara, com humor, os absurdos e contradições do discurso nas redes.

Alguns criadores presentes no núcleo são: Augusto de Campos, Claudio Tozzi, Dolangue News (@dolangue.news), Dora Longo Bahia, História no Paint (@historianopaint), Juju dos Teclados (@jujudosteclados), Marcelo Tas (@marcelotas), Paulo Gustavo, O Pasquim, Porta dos Fundos (@portadosfundos), Regina Silveira, Saquinho de Lixo (@saquinhodelixo), Sensacionalista (@jornaldosensacionalista).



*Olimpíadas, 2017. Dora Longo Bahia. Cortesia da Galeria Vermelho
Foto: Edouard Fraipont*

6. Memes: o que são? Onde vivem? Do que se alimentam?

Encerrando o percurso, esse núcleo abraça a impossibilidade de definir os memes de forma única. Ao invés de uma resposta fixa, a curadoria propõe uma provocação coletiva: como cada pessoa compreende o que é um meme? O que eles significam hoje?

São apresentadas 10 entrevistas inéditas com criadores brasileiros que responderam, em vídeo, essa indagação existencial, desdobrando-as em reflexões sobre humor e memeficação. Aqui, o meme é entendido como forma fluida e mutante — uma expressão que habita os interstícios da linguagem, circula entre mídias e revela, no improviso, a imaginação crítica do nosso tempo.

Este núcleo foi elaborado em parceria com o Museu de Memes (<https://museudememes.com.br>), projeto da Universidade Federal Fluminense (UFF) sob a coordenação do professor e pesquisador Viktor Chagas, um dos maiores pesquisadores sobre a linguagem dos memes no Brasil.

"MEME: NO BR@SIL DA MEMEFICAÇÃO" é uma produção da Patuá Produções, com patrocínio do Banco do Brasil. Depois de São Paulo, a exposição será apresentada em Brasília (novembro de 2025 a março de 2026), Belo Horizonte (março a junho de 2026) e Rio de Janeiro (agosto a novembro de 2026).

Serviço:

Exposição **"MEME: NO BR@SIL DA MEMEFICAÇÃO"**

Período: 27 de agosto a 03 de novembro de 2025

Horário: Todos os dias, das 9h às 20h (exceto às terças)

Local: Centro Cultural Banco do Brasil São Paulo

Endereço: Rua Álvares Penteado, 112 – Centro Histórico – SP

Ingressos: Gratuitos em bb.com.br/cultura e na bilheteria do CCBB

Assessoria de imprensa da exposição

Agência Galo: memefica@agenciagalo.com

Imagens, press releases e outros materiais de apoio: www.agenciagalo.com/memefica

Contatos

Laiz Sousa: (11) 98184-4574

Mariana Nepomuceno: (11) 97152-4834

Tales Rocha: (11) 98870-1089

Thiago Rebouças: (11) 98562-3094

INFORMAÇÕES CCBB SP:

Funcionamento: Aberto todos os dias, das 9h às 20h, exceto às terças

Contato: (11) 4297-0600 | E-mail: ccbbsp@bb.com.br

Estacionamento: O CCBB possui estacionamento conveniado na Rua da Consolação, 228 (R\$ 14 pelo período de 6 horas - necessário validar o ticket na bilheteria do CCBB). O traslado é gratuito para o trajeto de ida e volta ao estacionamento e funciona das 12h às 21h.

Van: Ida e volta gratuita, saindo da Rua da Consolação, 228. No trajeto de volta, há também uma parada no metrô República. Das 12h às 21h.

Transporte público: O CCBB fica a 5 minutos da estação São Bento do Metrô. Pesquise linhas de ônibus com embarque e desembarque nas Ruas Líbero Badaró e Boa Vista.

Táxi ou Aplicativo: Desembarque na Praça do Patriarca e siga a pé pela Rua da Quitanda até o CCBB (200 m).

Entrada acessível CCBB SP: Pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida e outras pessoas que necessitem da rampa de acesso podem utilizar a porta lateral localizada à esquerda da entrada principal.

bb.com.br/cultura

[instagram.com/ccbbsp](https://www.instagram.com/ccbbsp) | [facebook.com/ccbbsp](https://www.facebook.com/ccbbsp) | [tiktok.com/@ccbbcultura](https://www.tiktok.com/@ccbbcultura)



PRODUÇÃO



REALIZAÇÃO



Assessoria de imprensa CCBB SP

Bruno Borges: brunoborges@bb.com.br | ccbbsp@bb.com.br

Telefone/Whatsapp: (11) 4297-0603

PRODUÇÃO



REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

